COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Introdução a Camões I - alguns sonetos e redondilhas

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Introdução a Camões I - alguns sonetos e redondilhas", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 77-83.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

86

INTRODUÇÃO A CAMÕES

I – Alguns Sonetos e Redondilhas

NÃO desejo por hoje referir-me (nem sei se chegarei a fazê-lo) a algumas indignadas reacções que provocou, na última emissão, o meu «ataque» a António Ferreira. Para já, o simples facto de começar hoje a falar de Camões — bem pode ser, aliás, interpretado como uma resposta (embora o não seja) a algumas dessas reacções mais apaixonadas. Com efeito, aqui temos um poeta, exactamente da mesma geração de António Ferreira, que não teve necessidade — para ser o grande poeta que foi e até o supremo poeta *nacional* que tivemos — de se bater contra a expressão em castelhano e que, pelo contrário, escreveu mesmo um bom número de versos castelhanos, sem prejuízo algum para os versos portugueses que fizeram a sua glória. Por outro lado, aqui temos também um poeta, na mesma geração de António Ferreira, que não caiu tão-pouco no erro de só escrever em versos de «medida nova» — em decassílabos —, continuando antes igualmente fiel à «medida velha» — a redondilha — e elevando-a, como todos sabem, ao mais alto grau de perfeição. Aqui temos, enfim, na mesma geração de António Ferreira, um grande poeta cuja obra representa, toda ela, o mais formal desmentido ao pretenso valor dos dois pontos fundamentais da doutrinação estética de António Ferreira...

Mas não desejo alongar-me em considerações deste género. Não desejo, sequer, alongar-me em considerações de espécie alguma. Diante de um poeta como Camões — em quem, melhor ou pior, toda a gente tem ouvido falar —, a única preocupação, num programa como este, há-de ser apenas a de evocar, ou recordar, alguns dos seus trechos mais belos, mais vivos, mais perduráveis. Em relação a autores de menor nomeada — e sobretudo estrangeiros — é que se torna imprescindível apresentá-los, situá-los e defini-los — se bem que nunca, jamais, em tempo algum... com quaisquer intuitos de erudição! Erudição... é coisa que só por vezes têm visto, neste programa, aqueles que não sabem nada de nada e fingem saber tudo de tudo. Mas a verdade é que se houvesse, neste programa, intuitos de erudição... eu não deixaria, decerto, de dar largas a esse pendor, a propósito de uma obra como a de Camões! E facilmente se perceberá porquê: porque não há, na literatura portuguesa, obra como a de Camões tão *carregada* de comentários eruditos, muitos deles, aliás, do mais alto valor e que seria fácil, facílimo, indecorosamente facílimo, «aproveitá-los» numa ocasião des-

tas! Em matéria de erudição — da erudição existente a respeito de Camões — limitar-me-ei (e isso com o maior gosto) a chamar a atenção de todos os interessados para os mais recentes monumentos (realmente «eruditos», na mais alta acepção do termo) com que o poeta e investigador Jorge de Sena tem contribuído, nos últimos anos, para o enriquecimento e a actualização dos estudos camonianos.

E por aqui me fico, em matéria de indicações... eruditas. E vamos mas é recordar alguns textos de Camões. Começaremos por alguns sonetos. Eis uma forma poética, de que já aqui apresentámos variadíssimos espécimes — desde Dante a António Ferreira, de Petrarca a Louise Labé, do Marquês de Santillana a Sá de Miranda, de Miguel Ângelo a Garcilaso e a Boscán. E talvez valha a pena, sem mais comentários, vermos agora como *brilham*, em confronto com esses predecessores e contemporâneos, certos sonetos de Camões:

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.

*

No tempo que de Amor viver soía,
nem sempre andava ao remo ferrolhado;
antes agora livre, agora atado,
em várias flamas variamente ardia.

Que ardesse num só fogo, não queria
o Céu, porque tivesse exprimentado
que nem mudar as causas ao cuidado
mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
foi como quem co peso descansou,
por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
pois para passatempo seu tomou
este meu tão cansado sofrimento!

Estes dois sonetos de Camões, que acabámos de apresentar um a seguir ao outro, dão bem a medida da sua capacidade para exprimir — em termos gerais que no entanto nunca são abstractos — a sua condição «essencial» de homem permanentemente imerso nos jogos do amor. Mas, a par desse poder para a expressão de «generalidades» de tal ordem, Camões, sempre que necessário, mostra-se igualmente apto para particularizar — e pormenorizar —, de modo extremamente preciso, «situações» concretas que ilustram essa mesma condição:

Quando o Sol encoberto vai mostrando
ao mundo a luz quieta e duvidosa,
ao longo d'ũa praia deleitosa,
vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi, os cabelos concertando;
ali, co a mão na face tão fermosa;
aqui, falando alegre, ali cuidosa;
agora estando queda, agora andando.

Aqui esteve sentada, ali me viu,
erguendo aqueles olhos tão isentos;
aqui movida um pouco, ali segura;

aqui se entristeceu, ali se riu;
enfim, nestes cansados pensamentos
passo esta vida vã, que sempre dura.

*

Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se d'ũa outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
que d'uns e d'outros olhos derivadas
s'acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

Entre estes dois pólos — o do geral e do particular — decorre praticamente toda a obra de Camões. Mas onde o contraponto entre esses dois aspectos se mostra mais nítido e flagrante, dentro da obra lírica, é sem dúvida, nas célebres redondilhas de Babel e Sião — o «Sôbolos rios» — que António Sérgio considerava como a «coluna vertebral» da lírica camoniana. E a referência ao nome ilustre de António Sérgio torna-se neste momento indispensável, porque ele foi o primeiro, de modo decisivo, a chamar a atenção para a importância central desse poema e o primeiro a escrever sobre ele palavras verdadeiramente definitivas. Mas o nosso intuito não é — não pode ser — o de esboçar sequer, num programa como este, a interpretação de texto tão denso e tão complexo. Limitar-nos-emos, pelo contrário, a propor uma simples leitura, totalmente desprovida de quaisquer comentários, de alguns dos mais belos passos do poema. Aliás, a emissão de hoje não passa de uma directa introdução à poesia de Camões: e que introdução poderá ser mais directa senão aquela que se baseia numa singela apresentação (ou re-apresentação) de textos? Não creio, de resto, que possa haver melhor «método» de aproximação de uma obra para o espectador desprevenido; mas também o demasiado prevenido poderá lucrar, em certos casos, com um regresso destes à frescura da primeira emoção...

Sôbolos rios que vão
por Babilónia, m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quanto nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, despois de acordado,
co rosto banhado em água,

deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos
se causavam das mudanças
e as mudanças dos anos;
onde vi quantos enganos
faz o tempo às esperanças.
Ali vi o maior bem
quão pouco espaço que dura,
o mal quão depressa vem,
e quão triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais val,
que então se entende milhor
quanto mais perdido for;
vi o bem suceder mal,
e o mal, muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento;
vi nenhum contentamento,
e vejo-me a mim, qu'espalho
tristes palavras ao vento.

[...]

Um gosto que hoje se alcança,
amanhã já o não vejo;
assi nos traz a mudança
de esperança em esperança,
e de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
que, quanto da vida passa
está receitando a morte!

[...]

Mas lembranças da afeição
que ali cativo me tinha,
me perguntaram então:

que era da música minha
qu'eu cantava em Sião?
Que foi daquele cantar
das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar,
pois sempre ajuda a passar
qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoso,
por antr'o espesso arvoredo;
e, de noite, o temeroso
cantando, refreia o medo.
Canta o preso docemente
os duros grilhões tocando;
canta o segador contente;
e o trabalhador, cantando,
o trabalho menos sente.

Eu, qu'estas cousas senti
n'alma, de mágoas tão cheia,
como dirá, respondi,
quem tão alheio está de si
doce canto em terra alheia?
— Como poderá cantar
quem em choro banh'o peito?
Porque se quem trabalhar
canta por menos cansar,
eu só descansos enjeito.

[...]

E se eu cantar quiser,
em Babilónia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
a voz, quando a mover,
se me congele no peito.
A minha língua se apegue
às fauces, pois te perdi,
se, enquanto viver assi,
houver tempo em que te negue
ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de Glória,
se eu nunca vi tua essência,
como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
senão na reminiscência.
Que a alma é tábua rasa,
que, com a escrita doutrina
celeste, tanto imagina,
que voa da própria casa
e sobe à pátria divina.